

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CAMPUS CAXIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA
INGLESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

GINA DA ROCHA AGUIAR

ENTRE RISO E POLÊMICA: DESVENDANDO OS LIMITES DO HUMOR
NAS PIADAS DE LÉO LINS E MHEL MARRER

CAXIAS-MA

2024

GINA DA ROCHA AGUIAR

**ENTRE RISO E POLÊMICA: DESVENDANDO OS LIMITES DO HUMOR
NAS PIADAS DE LÉO LINS E MHEL MARRER**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras, da
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA),
Campus Caxias, como requisito parcial à
obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luiz Alencar
Miranda

CAXIAS-MA

2024

A282e Aguiar, Gina da Rocha

Entre riso polêmica: desvendando os limites do humor nas piadas de Léo Lins e Mhel Marrer / Gina da Rocha Aguiar. __Caxias: Campus Caxias, 2024.

44f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luiz Alencar Miranda.

1. Discurso - Análise. 2. Humor. 3. Polêmica. I. Título.

CDU 81'42

Elaborada pelo bibliotecário Wilberth Santos Raiol CRB 13/608

**ENTRE RISO E POLÊMICA: DESVENDANDO OS LIMITES DO HUMOR
NAS PIADAS DE LÉO LINS E MHEL MARRER**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras, da
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA),
Campus Caxias, como requisito parcial à
obtenção do Título de Licenciada em Letras.

BANCA EXAMINADORA

DATA DE APROVAÇÃO: 19 de agosto de 2024

Antônio Luiz Alencar Miranda

Prof. Dr. Antônio Luiz Alencar Miranda

UEMA – Campus Caxias

Maura Rejanne A. Rodrigues Amorim

Prof. Dra. Maura Rejanne Amaral Rodrigues Amorim

UEMA – Campus Caxias

Andreana Carvalho de Barros Araújo

Profa. Ma. Andreana Carvalho

UEMA – Campus Caxias

DEDICATÓRIA

À minha querida Valentina, cuja alegria e luz tornaram cada desafio mais leve e cada vitória mais doce. Teu sorriso é o maior prêmio de todos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por iluminar meu caminho e conceder a força necessária para realizar este sonho.

A vocês, meus pais, Léo e Sandra, pilares firmes que sustentam cada passo da minha jornada. Agradeço também aos meus irmãos, Laísa, Laiane e João, por cuidarem com tanto carinho da minha filha Valentina enquanto eu me dedicava aos estudos. Como disse Carlos Drummond de Andrade:

"No meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho."

Que, mesmo diante das dificuldades, a luz de seus olhares continue a guiar-me pelas estradas da vida.

Ao meu orientador, Antônio Luiz, farol de saber, cuja paciência e perspicácia acenderam a curiosidade e o conhecimento em meu espírito. Que suas palavras de sabedoria ecoem em minha jornada acadêmica. Lembro-me das palavras de Fernando Pessoa:

"Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo."

À Valéria e Carol, pela amizade e apoio constante ao longo da faculdade. Suas ajudas foram essenciais e transformadoras para o meu crescimento acadêmico.

A meu amor, cuja presença e apoio diário foram uma âncora de estabilidade, carinho e incentivo durante todo o percurso. Seu suporte e conselhos foram alicerce fundamental para a conclusão deste trabalho e para cada passo desta jornada.

A ti, Max, cuja amizade e apoio foram fundamentais em cada etapa, desde o projeto ao TCC. Tua disposição para ler, revisar e oferecer feedback foi essencial para o desenvolvimento e aprimoramento deste trabalho. És um dos maiores presentes que a UEMA me deu. Tua contribuição generosa e teu apoio inabalável são tesouros preciosos que enriquecem minha vida. Como grande admirador de Fernando Pessoa, que encontrou nos versos dele a beleza da vida, compartilho contigo esta dedicação, inspirada pelo que mais valorizas. Como Pessoa escreveu:

"A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida."

Como tu me disseste, citando os versos,

"Tudo vale a pena quando a alma não é pequena."

Que esta dedicatória seja um reflexo da admiração e da gratidão que sinto por ti. És a inspiração que ilumina cada etapa deste trabalho.

À profa. Sol, pelo carinho e atenção com todos os alunos.

A todos os professores, especialmente ao professor Evaldino e à professora Maura, cuja postura e comportamento serviram de inspiração como pessoa, e suas orientações e conhecimentos foram essenciais para a realização deste trabalho e para a minha vida.

À UEMA, pela formação e oportunidades oferecidas.

Como escreveu Cecília Meireles:

"Aprendi com as primaveras a deixar-me cortar e a voltar sempre inteira."

Este trabalho é um reflexo da confiança e do amor depositados em mim. A vocês, minha eterna gratidão e devoção.

De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que estamos sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar. Façamos da interrupção um caminho novo. Façamos da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, da procura um encontro (Fernando Sabino).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO	13
1.1 Análise Materialista do Discurso: alguns subsídios teóricos	14
1.2 Tipos de discurso: o discurso polêmico.....	18
1.3 Metodologia da pesquisa.....	20
2 O HUMOR DE LÉO LINS E MHEL MARRER: ENTRE RISOS E REFLEXÕES	22
2.1 Características do Humor de Léo Lins	25
2.2 Características do Humor de Mhel Marrer	26
3 A POLÊMICA COMO ELEMENTO DISCURSIVO CENTRAL: UMA ANÁLISE DO DISCURSO POLÊMICO EM LÉO LINS E MHEL MARRER	29
3.1 A Linguagem Humorística Polêmica e Seus Efeitos no Público: Aspectos do riso e do escárnio	30
3.2 Discurso Polêmico de Mhel Marrer	32
3.3 Discurso Polêmico de Léo Lins.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

RESUMO

Este trabalho analisa o papel do humor como elemento discursivo por meio das piadas de Léo Lins e Mhel Marrer, comediantes que geram debates sobre moralidade e sensibilidade social. Utilizando a Análise do Discurso (AD), uma abordagem crítica desenvolvida na década de 1960, a pesquisa investiga como o humor vai além da estrutura formal da linguagem para revelar suas funções sociais e políticas. O estudo explora a interação entre riso e escárnio nas estratégias discursivas de Léo Lins e Mhel Marrer, examinando como seus discursos polêmicos provocam reflexões sobre normas sociais e relações de poder (Morgado, 2008; Orlandi, 2015).

O objetivo foi analisar o humor como elemento discursivo nas piadas desses comediantes, destacando suas características e a manifestação do discurso polêmico. A pesquisa focou em compreender os efeitos da linguagem humorística polêmica no público e explorar os aspectos do riso e do escárnio. As estratégias discursivas empregadas foram identificadas e discutidas, evidenciando suas peculiaridades.

A metodologia seguiu uma sequência estruturada: seleção e análise do corpus de discursos humorísticos polêmicos, levantamento de estudos similares para contextualização, pesquisa do referencial teórico para compreensão dos mecanismos discursivos e sociais do humor, descrição e análise do corpus para identificar e discutir estratégias discursivas, e redação da monografia para consolidar os achados.

Os resultados mostram que o humor é um campo fértil para discutir questões sensíveis, com limites que variam conforme o contexto cultural e social. O estudo ressalta a importância de equilibrar a liberdade de expressão com os impactos sociais, sugerindo futuras investigações sobre interações adicionais, como comentários sobre as piadas, para obter uma visão mais completa das reações do público.

Palavras-chave: Análise do discurso. Humor. Polêmica.

ABSTRACT

This study examines the role of humor as a discursive element through the analysis of jokes by Léo Lins and Mhel Marrer, comedians whose performances spark debates on morality and social sensitivity. Utilizing Discourse Analysis (DA), a critical approach developed in the 1960s, the research investigates how humor transcends formal language structures to reveal its social and political functions. The study explores the interaction between laughter and scorn in the discursive strategies employed by Léo Lins and Mhel Marrer, and how their controversial discourse prompts reflections on social norms and power relations (Morgado, 2008; Orlandi, 2015).

The research aimed to analyze humor as a discursive element in these comedians' jokes, highlighting their distinct characteristics and the manifestation of controversial discourse. The analysis focused on understanding the effects of humorous language on the audience and exploring the aspects of laughter and scorn in their performances. The employed discursive strategies were identified and discussed, emphasizing their peculiarities.

The methodology followed a structured sequence: selection and analysis of the corpus focusing on controversial humorous discourses; review of similar studies for contextualization; theoretical framework research for understanding discursive and social mechanisms of humor; description and analysis of the corpus to identify and discuss discursive strategies; and writing the thesis to consolidate findings.

Results show that humor is a fertile field for discussing sensitive issues, with limits varying according to cultural and social contexts. The study highlights the need to balance freedom of expression with social impact, suggesting future research on additional aspects, such as comments on jokes, for a more comprehensive view of audience reactions.

KEYWORDS: Controversy. Humor. Speech analysis.

INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso (AD), emergida na década de 1960, representa uma cisão no modo como a linguagem era compreendida até então, deslocando a visão de língua para uma acepção de ferramenta social e política. Em contraste com abordagens linguísticas tradicionais que focavam na estrutura formal das palavras e frases, a AD propõe desvendar as camadas mais profundas da linguagem, explorando as relações de poder e as formações discursivas que moldam a realidade (Morgado, 2008; Orlandi, 2015).

No campo do humor, a AD se torna crucial para desvendar as nuances do riso, da crítica social e da polêmica. Por meio da análise dos discursos humorísticos, pode-se compreender como os comediantes utilizam a linguagem para desafiar valores, questionar normas sociais e provocar reflexões sobre temas relevantes. Todavia, há ocorrências em que a realização de uma dada piada se desvia daquilo que pode ser considerado divertido, o que resulta em um efeito polêmico.

A linguagem, em suas diversas formas de expressão, se configura como um instrumento poderoso para a construção de realidades, moldagem de identidades e influência de comportamentos. Nesse contexto, o humor emerge como uma ferramenta social singular, capaz de provocar reflexões, críticas e até mesmo mudanças. A Análise do Discurso, nesse sentido, apresenta-se como mecanismo para desvendar as camadas oclusas veiculadas nas mensagens humorísticas e seus impactos na sociedade (Morgado, 2008; Orlandi, 2015).

O humor polêmico, em particular, surge como um fenômeno que desafia os limites do aceitável e do risível. Piadas ácidas, sátiras mordazes e ironias carregadas de crítica são comumente vistas em humoristas como Léo Lins e Mhel Marrer. Por vezes, tais piadas provocam desconforto naqueles que as recebem, resultando em uma recepção controversa. Por essa razão, o presente trabalho mostra-se relevante para explicitar o modo como, discursivamente, se produz as piadas dos referidos humoristas, bem como os efeitos de sentido evocados.

Embora ambos os humoristas se utilizem da polêmica como elemento central de seus discursos, é importante ressaltar as diferenças em suas abordagens. Léo

Lins, com seu humor mais ácido e provocativo, busca gerar incômodo e debate, enquanto Mhel Marrer, com sua linguagem mais direta e engajada, busca despertar a consciência social e promover mudanças.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo analisar o humor enquanto elemento discursivo nas piadas de Léo Lins e Mhel Marrer, destacando suas características distintas e a forma como o discurso polêmico se apresenta em seus discursos. A análise se concentra em compreender os efeitos provocados no público pela linguagem humorística polêmica adotada por esses comediantes, explorando também os aspectos do riso e do escárnio presentes em suas performances. A partir da abordagem escolhida, a pesquisa busca identificar e discutir as estratégias discursivas empregadas por Léo Lins e Mhel Marrer, destacando suas peculiaridades.

Para analisar o humor polêmico de Léo Lins e Mhel Marrer, utilizou-se a Análise Materialista do Discurso (AMD), com foco nas ideias de Pêcheux (1983; 1990; 1997a; 1997b) e Orlandi (2001; 2007; 2015). Recorreu-se, também, às contribuições de Possenti (2004; 2010) e Maingueneau (1997; 2004; 2006; 2008) para aprofundar nossa compreensão do humor e da polêmica. Possenti (2004; 2010) discute o humor como forma de transgressão e subversão, enquanto Maingueneau (1997; 2004; 2006; 2008) analisa a polêmica como estratégia argumentativa. Ressalta-se, contudo, que embora o trabalho tenha como aporte fundamental a Análise do Discurso Materialista, ao logo do texto, eventualmente, se recorre a construtos teóricos de outras vertentes.

A relevância do estudo se apresenta pelo fato de os humoristas analisados terem notória relevância no cenário nacional e, recentemente, terem se envolvido em polêmicas nas quais o teor de suas piadas foi considerado inapropriado. Problematiza-se, assim, a compreensão do humor e como esta é delimitada a partir de variados marcadores que o constituem, sejam eles de natureza social ou psicológica. Além disso, pretende-se verificar como tais marcadores encontram-se inscritos nas formações discursivas, nelas ecoam, uma vez que o discurso, entre outras coisas, representa as tensões experimentadas pelos seres humanos em seu espaço vivencial.

Para efetivação da pesquisa, o trabalho visa responder a seguinte questão central: quais as implicações da construção social do humor e quais as características desse discurso que supostamente lhe objetiva impor limites?

O *corpus* do estudo é o discurso humorístico, de modo mais específico, nas piadas proferidas por Léo Lins e Mhel Marrer. De Léo Lins, aborda-se uma apresentação na qual satiriza crianças com hidrocefalia, enquanto de Mhel Marrer se discute uma piada feita sobre a cidade de Praia Grande. Discutem-se marcas de discursos apontadas como polêmicas, visto que grande parte do público os avaliou como inadequados as piadas dos humoristas. Do mesmo modo, aborda-se o humor enquanto fenômeno discursivo.

A monografia é estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo aborda aspectos teóricos centrais da AD que serão acionados no estudo. O segundo discute a construção e realização discursiva do humor e da polêmica. Por fim, o terceiro capítulo contém as análises de piadas de Léo Lins e Mhel Marrer.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Historicamente, a Linguística, enquanto área de estudos específica, origina-se na virada do século XIX e início do século XX. A história do conhecimento linguístico atribui a Ferdinand de Saussure (Genebra, 26 de novembro de 1857 – Morges, 22 de fevereiro de 1913) o mérito de demarcar uma cisão entre a discussão acerca de língua que se tinha antes e a que o sucederia. O lançamento do Curso de Linguística Geral (CLG), obra germinal publicada após a morte do genebrino, instaurou um modo diverso de compreender a língua. Muito embora se questione a autoria e originalidade do Curso de Linguística Geral, é inegável que tal publicação afetou todo o conhecimento linguístico posterior (Aurich 2009).

Ao estabelecer os marcos de sua teoria, Saussure pensou diversas relações dicotômicas, entre elas, a distinção entre *langue* e *parole*. A *langue* refere-se ao sistema abstrato e social compartilhado pelos membros de uma comunidade linguística, enquanto a *parole* diz respeito às manifestações individuais concretas desse sistema, ou seja, o uso real da língua em situações específicas (Saussure, 2006). Essa distinção foi fundamental para a Linguística, pois permitiu separar o estudo da estrutura da língua dos usos particulares, focando na compreensão do sistema subjacente que torna a comunicação possível.

No entanto, uma das críticas à teoria saussuriana é que ela desconsidera os usos reais da língua, o contexto e a variação que ocorre nas interações comunicativas. Essa lacuna abriu espaço para o surgimento de novas áreas de estudo, como a Análise do Discurso, que se preocupa com a relação entre linguagem, poder e sociedade, e considera o contexto social e histórico nas produções linguísticas. Além da Análise do Discurso, outras áreas como a Sociolinguística e a Pragmática também emergiram, focando nos aspectos dinâmicos e variáveis do uso da língua (Aurich, 2009).

Nesse sentido, os tópicos seguintes desse capítulo discutirão a fundamentação teórica da Análise Materialista do Discurso, uma vertente que considera a linguagem em seu contexto material e histórico. Abordar-se-á conceitos-chave como formação

discursiva e interdiscurso, e a importância do sujeito no processo discursivo. Será discutido, também, o papel do humor como ferramenta discursiva e suas implicações.

1.1 Análise Materialista do Discurso: alguns subsídios teóricos

A Análise do Discurso (AD) tem sua gênese na França, na década de 1960, como uma resposta às limitações das abordagens linguísticas tradicionais, que tendiam a desconsiderar o contexto social e histórico das produções linguísticas. Entre os principais fundadores da área estão Michel Pêcheux¹ e Jean Dubois², cujos trabalhos foram fundamentais para o desenvolvimento da AD como um campo interdisciplinar, que incorpora elementos da linguística, sociologia, história e teoria marxista (Pêcheux, 1990).

Influenciado pela teoria marxista de Louis Althusser, Michel Pêcheux adotou uma perspectiva materialista para o estudo do discurso. Ele propôs que a linguagem não deve ser estudada isoladamente, mas em relação às práticas sociais e às condições materiais de produção. Pêcheux introduziu conceitos-chave como formação discursiva, que se refere aos sistemas de discurso que se formam a partir de determinadas condições sócio-históricas e institucionais (Pêcheux, 1990).

O peso ideológico creditado ao uso da língua se percebe em Pêcheux (1997, p. 68), ao afirmar que ela "não é um mero instrumento neutro ao serviço de uma consciência individual transparente, mas um lugar de lutas ideológicas, onde se

¹ Michel Pêcheux se encontrava em um período de intensa atividade intelectual e acadêmica quando fundou a Análise do Discurso (AD). Na década de 1960, ele era um jovem pesquisador influenciado pelas teorias marxistas, em particular pelas ideias de Louis Althusser, de quem foi aluno. Essa influência foi crucial para a formulação de sua abordagem materialista do discurso. Pêcheux, nascido em 1938, fez seus estudos na École Normale Supérieure (ENS) em Paris, uma instituição prestigiada que desempenhou um papel significativo na formação de intelectuais franceses. Ele esteve envolvido em um ambiente acadêmico fervilhante, onde se discutiam as teorias estruturalistas e marxistas, além das crescentes críticas às abordagens tradicionais da linguística.

² Jean Dubois, por sua vez, era um linguista renomado, especializado em lexicografia e semântica. Dubois trouxe uma perspectiva metodológica rigorosa ao estudo do discurso, combinando técnicas detalhadas de análise linguística com uma abordagem crítica. Sua expertise em estruturar e compreender o significado das palavras dentro de contextos específicos ajudou a estabelecer uma base sólida para a AD. A colaboração entre Dubois e Pêcheux foi essencial para a criação de uma abordagem que não apenas integrava o estudo formal da linguagem, mas também incorporava uma crítica profunda das condições sociais e históricas de produção dos discursos.

inscrevem as relações de poder". Em outras palavras, o discurso é inerentemente ideológico e carregado de sentidos que se ocultam no dito.

Por essa razão, uma das mais severas críticas de Pêcheux se direcionou à visão saussuriana que separa língua (*langue*) e fala (*parole*), argumentando que essa distinção negligencia as relações de poder e ideologia que permeiam o uso da linguagem. Para Pêcheux, o discurso é sempre atravessado por ideologias, e a análise deve considerar como essas ideologias se materializam nos textos e nas práticas discursivas (Pêcheux, 1990).

A colaboração entre Pêcheux e Dubois foi crucial para o desenvolvimento de uma abordagem que integra aspectos formais da linguagem com uma análise crítica das condições de produção dos discursos. As críticas feitas por Pêcheux e Dubois à linguística estruturalista e ao formalismo apontaram a necessidade de uma abordagem que integrasse o contexto social, político e histórico na análise do discurso. Para tal visão, argumenta-se que a linguagem é uma prática social imbuída de ideologia, e que a análise deve revelar as condições de produção e os mecanismos de poder que influenciam os discursos.

Conforme conceituado por Orlandi (2001, p. 13), "a Análise de Discurso considera o sujeito em sua historicidade, o que implica pensar a linguagem como lugar de construção de sentidos e de constituição do sujeito". Ou seja, os sentidos de um discurso não se circunscrevem ao que é dito, mas encontram-se imbricados pelas marcações sociais e ideológicas que atravessam o sujeito. A Análise do Discurso avança e propõe um olhar sobre a linguagem para além das margens textuais, incluindo as condições sócio-históricas e ideológicas em que ele se produz (Brandão, 2004).

A teórica brasileira Eni Orlandi (2001) argumenta que a força do discurso consiste em ele não funcionar como mero reflexo da realidade, mas como uma forma de produzi-la e transformá-la. "A análise do discurso pode contribuir para a transformação social, ao desvelar as relações de poder que se escondem por trás dos discursos" (Fairclough, 2003, p. 87).

Assim, a AD, enquanto disciplina, propõe uma ênfase no discurso, que para Orlandi (2001, p. 15). é definido como "o lugar em que a linguagem e a ideologia se

materializam e se constituem reciprocamente. Ele é formado por elementos linguísticos, sociais e históricos que se interrelacionam na produção de sentidos”. Por sua vez, Pêcheux (1997, p. 23) afirma:

O discurso é concebido como o lugar onde se manifestam as relações de força entre diferentes formações ideológicas, sendo a linguagem um mediador essencial nesse processo. Ele não é apenas uma sequência de palavras, mas um processo em que o social, o histórico e o ideológico se interpenetram para produzir sentidos (Pêcheux, 1997, p. 23).

Aponta-se que a terminologia adotada neste trabalho, isto é, Análise do Discurso Materialista, resulta de a alcunha de AD Francesa ter sido profundamente criticada em trabalhos recentes na área (Courtine, 1995). Por essa razão, pesquisadores têm adotado o adjetivo “materialista” para fazer menção à corrente que tem em Pêcheux seu principal teórico³. "A abordagem materialista da Análise do Discurso busca compreender como os discursos são constituídos e influenciados pelas formações ideológicas e pelas relações de poder" (Ferreira, 2003, p. 32).

Para efetivação do estudo, foram acionados os conceitos de formação discursiva, interdiscurso e a noção de sujeito. A formação discursiva, segundo Michel Pêcheux (1997), é um conjunto de regras que organiza o dizer em um determinado domínio social. Nesse sentido, a formação discursiva funciona como um "molde" que determina o que pode ser dito, como pode ser dito e quais sentidos são possíveis de serem produzidos em um determinado contexto. Por exemplo, uma formação discursiva jurídica possui suas próprias regras, vocabulário específico e formas de organização do discurso, distintas de uma formação discursiva jornalística.

O interdiscurso, por sua vez, refere-se à presença de outros discursos dentro de um discurso. Ou seja, todo discurso é constituído por fragmentos de outros discursos, que o antecedem e o condicionam. O interdiscurso revela a historicidade do discurso, mostrando como ele é marcado pelas lutas ideológicas e pelas relações

³ A principal crítica ao termo resulta em sua ambiguidade, por não dizer a que vertente se refere e quais os critérios para situar como francesa a teoria. Além disso, aponta-se que são oriundas da França diversas outras vertentes da AD que em muito pouco se assemelham à teoria de Pêcheux. Pesa, ainda, o fato de a teoria ter ganhado força no Brasil, o que faz com que situá-la como uma vertente francesa signifique ignorar a relevante contribuição brasileira, sobretudo a de Eni Orlandi.

de poder. O sujeito, nesse contexto, não é um indivíduo isolado, mas um sujeito histórico e social, constituído pelas formações discursivas e pelo interdiscurso. O sujeito não cria o discurso do nada, mas se apropria dos elementos disponíveis nas formações discursivas e os reorganiza, produzindo sentidos específicos (Orlandi, 2001).

Por fim, acerca da noção de sujeito, tem-se que este, na análise do discurso materialista, se afasta da concepção individualista e autônoma, comum em outras teorias. Ao invés disso, o sujeito é compreendido como uma construção social e histórica, produto das relações de poder e das formações discursivas que o circundam. Na perspectiva materialista, o sujeito não é o ponto de partida da produção de sentido, mas sim o resultado de um processo de subjetivação. É através do discurso que o indivíduo é interpelado e constituído como sujeito. As formações discursivas, com suas regras e convenções, moldam as identidades e as posições sociais dos sujeitos (Pêcheux, 1997; Orlandi, 2001).

Em tal relação, o sujeito torna-se assujeitado. Por essa razão, o interdiscurso, ou seja, a presença de outros discursos dentro de um discurso, é fundamental para a constituição do sujeito. Ao se apropriar de fragmentos de outros discursos, o sujeito se posiciona em relação a eles, assumindo determinadas identidades e valores. O interdiscurso revela a historicidade do sujeito, mostrando como ele é marcado pelas lutas ideológicas e pelas relações de poder (Pêcheux, 1997).

Todavia, é preciso apontar que o sujeito não é um ser passivo, mas um agente social que atua sobre o discurso. Ao produzir e interpretar discursos, o sujeito busca afirmar sua identidade e seus interesses, confrontando-se com outros sujeitos e com as forças sociais que o moldam. A análise do discurso materialista permite compreender como as lutas de poder se manifestam no nível do discurso, e como os sujeitos se posicionam nessas lutas (Orlandi, 2001). Assim, a Análise Materialista do Discurso oferece uma perspectiva para o estudo da linguagem, enfatizando a importância do contexto histórico, social e ideológico.

1.2 Tipos de discurso: o discurso polêmico

Outra importante dimensão que necessita ser discutida no âmbito desse trabalho é dos tipos de discurso na perspectiva da AD Materialista. Eni Orlandi⁴ (2001) prestou valiosa contribuição ao campo ao sumarizar os principais tipos de discurso. A pesquisadora elenca três grandes tipos de discurso, a saber: discurso autoritário, discurso polêmico e o discurso dialogal. Destaca-se que há situações em que os tipos de discurso coexistem com maior ou menor aproximação.

Acerca do discurso autoritário, tem-se que “é aquele que não se abre ao diálogo, pois se coloca como a única verdade possível. Ele se funda na repetição e na imposição, não permitindo a contestação ou a contradição” (Orlandi, 2001, p. 45). Em outras palavras, esse tipo de discurso é centrado em uma relação de força na qual apenas um tem lugar no exercício da voz. Todavia, por se manifestar na repetição, pode haver, para os reprodutores do discurso, a ilusão de não se encontrarem em uma relação de autoritarismo.

Ao contrário do discurso autoritário, o discurso dialogal “se caracteriza pela abertura ao outro, pela possibilidade de troca e de negociação de sentidos. Nesse tipo de discurso, há um movimento constante de interrogação e resposta, de construção conjunta de significados” (Orlandi, 2001, p. 82). Essa compreensão revela uma dimensão recíproca em que os sentidos não são dados *a priori*. A relação de força, no discurso dialogal, manifesta-se com menos proeminência.

Por seu turno, o discurso polêmico “se constitui na divergência, na contradição e na disputa de sentidos. Ele se apresenta como um espaço de confronto, onde diferentes posições se chocam e se manifestam de forma explícita” (Orlandi, 2001, p. 67). Este é um aspecto frequentemente presente nas piadas de Léo Lins e Mhel Marrer, onde o confronto de opiniões e a provocação são elementos centrais. Tal

⁴ A pesquisadora aponta que começou a desenvolver a noção de tipos de discurso antes mesmo de ter contato com a obra de Pêcheux, sendo a noção de tipos de discurso uma contribuição original de Eni Orlandi para o campo da Análise do Discurso. Em seu primeiro contato pessoal com Pêcheux, Orlandi destacou para o teórico francês as pesquisas que desenvolvia sobre os tipos de discurso. Tais informações podem ser obtidas na entrevista intitulada “Uma história intelectual começa muito antes de começar”.

dimensão de polêmica será abordada de maneira mais detida no escopo deste trabalho.

Para além dessa categorização, é oportuno destacar a função que a polêmica desempenha na organização discursiva. Maingueneau (2008, p. 56) afirma que “a polêmica se define por uma estrutura discursiva em que os enunciados se articulam a partir de uma oposição frontal, constituindo um enfrentamento explícito entre posições divergentes”. Contudo, essa oposição não ocorre de modo desprezioso.

Maingueneau (2008) argumenta que a organização social é influenciada pela polêmica, uma vez que esse tipo de discurso provoca o embate e a divergência. Nos termos do autor:

O discurso polêmico desempenha um papel fundamental na dinâmica social, ao possibilitar a emergência de vozes dissidentes e a contestação das normas estabelecidas. Ele é um espaço privilegiado para a expressão de conflitos e para a negociação de novos sentidos (Maingueneau, 2008, p. 78).

Quando pensada no cerne da discussão sobre o humor, especialmente no *stand-up*, a polêmica desempenha um papel crucial na forma como os comediantes constroem suas *personas* e se relacionam com o público. Através de piadas, que muitas vezes tocam em temas sensíveis e controversos, posicionamentos são assumidos, criando uma dinâmica de confronto que envolve tanto a aceitação quanto a rejeição por parte do público.

Dominique Maingueneau (2008, p. 92) discute essa construção identitária através da polêmica, afirmando que “na polêmica, os sujeitos enunciadore constroem suas identidades a partir do embate com o outro, definindo-se e sendo definidos pelas posições que ocupam no confronto discursivo”. A construção de identidade através da polêmica permite que os humoristas ocupem espaços onde a provocação e o debate se tornam centrais para sua atuação. A interação com o público, que pode variar de risos a indignação, contribui para a construção, pois cada resposta é um reflexo das tensões e negociações de sentido que a polêmica provoca. Assim, a identidade dos comediantes é continuamente moldada e redefinida pelo embate com as reações do público, criando um ciclo dinâmico de afirmação e contestação.

1.3 Metodologia da pesquisa

É preciso destacar que a questão do método em Análise do Discurso se apresenta como dificultosa, uma vez que a própria teoria defende que a construção e delimitação do *corpus* é feita a partir de um constante movimento de avanço e retomada, em que objeto e teoria se articulam mutuamente (Orlandi, 2001). Em uma tentativa de sumarizar as etapas da pesquisa, tem-se que se constitui um estudo de cunho bibliográfico e de análise de discurso. Para efetivação do estudo, foram realizadas as seguintes etapas:

a) Seleção e análise do *corpus*: Foram escolhidas piadas e *performances* específicas de Léo Lins e Mhel Marrer que exemplificam o humor polêmico. O critério de seleção baseou-se na repercussão e controvérsia geradas por esses materiais, bem como na representatividade dos estilos individuais dos comediantes. As piadas foram transcritas e categorizadas conforme os temas abordados.

b) Levantamento de estudos com abordagem similar: Realizou-se uma busca por estudos acadêmicos e artigos que abordam a análise do discurso humorístico e polêmico, especialmente no contexto do *stand-up comedy*. Foram selecionados trabalhos que discutem o humor, a polêmica e suas interações com a sociedade, focando em autores como Pêcheux (1997), Orlandi (2001) e Maingueneau (2008).

c) Pesquisa do referencial teórico: Após o levantamento inicial, procedeu-se à seleção do referencial teórico. Neste estágio, foram aprofundados os estudos de Pêcheux (1997), Orlandi (2001), Maingueneau (2008), e outros teóricos relevantes, como Possenti (2004), que discute o humor como forma de transgressão e subversão, e Morgado (2008), que trata da análise do discurso em contextos sociais e políticos.

d) Descrição e *análise do corpus*: De acordo com Orlandi (2001), a descrição e análise são etapas centrais na Análise do Discurso. Inicialmente, realizou-se a descrição das piadas selecionadas, atentando para aspectos textuais e contextuais que influenciam sua construção e recepção. Na sequência, procedeu-se à análise do *corpus*, utilizando os conceitos de formação discursiva, interdiscurso e sujeito, conforme proposto por Pêcheux (1997) e Orlandi (2001). Também foram aplicados os conceitos de discurso polêmico de Maingueneau (2008), focando em como as

identidades dos comediantes são construídas e desafiadas através do embate discursivo.

2 O HUMOR DE LÉO LINS E MHEL MARRER: ENTRE RISOS E REFLEXÕES

Antes de analisar o *corpus* da pesquisa, faz-se fundamental elucidar a compreensão do humor e suas manifestações ao longo da história. Georges Minois, em sua obra *História do Riso e do Escárnio* (2003), propõe uma discussão acerca dos usos e manifestações do humor ao longo das eras, destacando como esses fenômenos foram percebidos e utilizados em diferentes períodos históricos, desde a Antiguidade aos tempos modernos.

Minois (2003) afirma que, na Grécia Antiga, o riso era uma manifestação ambígua, associada tanto à alegria e celebração quanto à crítica social e filosófica. Filósofos gregos como Platão e Aristóteles tinham visões distintas sobre o riso. Platão via o riso com desconfiança, associando-o à perda de controle e ao perigo moral, enquanto Aristóteles reconhecia seu valor catártico, observando que "o riso poderia proporcionar um alívio emocional necessário" (Minois, 2003, p. 45). Por seu turno, em Roma, o riso e o escárnio eram utilizados como ferramentas para criticar e controlar comportamentos sociais, evidenciado pelas sátiras que ridicularizavam vícios e fraquezas humanas (Minois, 2003).

O avançar da história revela que durante a Idade Média, a relação da Igreja Católica com o riso permaneceu situada em um espaço de tensões evidenciadas na ambivalência. A percepção do credo, comumente, imputava peso de algo negativo, ligado ao pecado e à perda de controle. No entanto, havia momentos de permissividade, como nos festivais e celebrações religiosas, onde o riso subversivo emergia. Minois (2003) observa que "o Carnaval permitia uma suspensão temporária das normas sociais, possibilitando uma crítica velada às autoridades e à ordem estabelecida" (Minois, 2003, p. 123).

Com o advento do Renascimento, houve uma redescoberta dos textos clássicos e uma valorização do riso como expressão da liberdade individual e do espírito crítico. Durante o Iluminismo, figuras como Voltaire utilizaram o riso e o escárnio como armas contra a hipocrisia e a injustiça social. Este período marcou uma mudança significativa na percepção do riso, que passou a ser visto como uma

ferramenta poderosa de crítica e emancipação. Minois (2003, p. 212) afirma que "o riso se tornou uma forma de expressão do espírito crítico e da liberdade individual".

Na atualidade, o riso continua por se apresentar como uma ferramenta de crítica à realidade. A exemplo do dito, cita-se as charges e os programas humorísticos na mídia, os quais desempenham um papel em desafiar e questionar as estruturas de poder. Além disso, com o desenvolvimento das ciências sociais, o riso começou a ser estudado como um fenômeno psicológico e sociológico, explorando seus impactos na saúde mental e nas dinâmicas sociais. Segundo Minois, "o riso passou a ser visto como um fenômeno complexo, com significados e funções diversos, dependendo do contexto social e histórico" (Minois, 2003, p. 305).

Em uma perspectiva discursiva, Orlandi (2007) argumenta que o discurso humorístico pode funcionar como uma prática discursiva que desafia e subverte as normativas sociais e culturais. Essa perspectiva destaca a natureza performativa do humor, onde o riso atua como uma forma de resistência e reconfiguração das relações de poder.

Na mesma esteira, Pêcheux (1995) contribui para a compreensão do humor ao discutir como os discursos humorísticos podem revelar os processos de identificação e contra-identificação dos sujeitos. Para Pêcheux (1995), o humor não apenas diverte, mas também desestabiliza identidades e questiona a fixidez das posições sociais. Em outros termos, discursos revelados em piadas permitem que os sujeitos apresentem sua imagem em uma relação que pode ser de aproximação (identificação) ou de distanciamento (contra-identificação).

Como se pode notar, a produção discursiva de uma piada não se manifesta no vazio, não é ingênua ou despreziosa. Ao contrário, ao enunciar um discurso humorístico, em posse de certa liberdade conferida pelo gênero piada, o sujeito se blinda das responsabilidades pelo dito, enquanto, paralelamente, revela determinada filiação discursiva. Por essa razão, mais que fazer rir, o discurso humorístico vale para assinalar uma posição-sujeito assumida pelo falante para revelar aquilo que de outra maneira não poderia ser dito.

Maingueneau (2004) enfatiza o papel do contexto na produção e recepção do humor. Segundo ele, a eficácia do humor depende de um entendimento compartilhado

entre o emissor e o receptor sobre as normas sociais que estão sendo questionadas ou subvertidas. Este entendimento contextual é crucial para compreender por que certas piadas funcionam em determinados contextos culturais enquanto falham em outros.

Ao discutir a temática do humor, Sírio Possenti (2010), em sua obra *Os Limites do Humor*, Possenti discute como o humor pode transitar entre o aceitável e o inaceitável dentro de um contexto social. Ele argumenta que "o humor tem a capacidade de explorar as margens do que é considerado socialmente apropriado, muitas vezes ultrapassando esses limites para provocar reflexão e desconforto" (Possenti, 2010, p. 37). Possenti (1998) também analisa como o humor pode ser uma forma de resistência, utilizando a ironia e o sarcasmo para questionar e criticar estruturas de poder e normas sociais.

Além disso, Possenti (2010) destaca a importância do riso na linguagem e na comunicação. O autor observa que "o riso é uma forma de linguagem que pode revelar muito sobre as práticas sociais e as estruturas de poder" (Possenti, 2010, p. 112). Assim, o humor pode também valer como meio de propiciar a desconstrução de discursos hegemônicos e a exposição de contradições sociais.

Possenti (2007) aprofunda a análise do humor como um fenômeno linguístico e discursivo. Ele argumenta que "o humor não é apenas uma forma de entretenimento, mas um modo de produção de sentido que pode desafiar e subverter normas culturais e sociais" (Possenti, 2007, p. 88). Essa abordagem reforça a ideia de que o humor é uma prática discursiva complexa que desempenha um papel na construção e desconstrução de significados sociais. Cumpre ainda dizer que o que se entende por humor é, invariavelmente, marcado por aspectos culturais, de modo que o que se entende como humor em uma sociedade por ser tido como desrespeitoso para outras.

Conforme o historiador Georges Minois (2003), longe de ser uma simples manifestação de alegria, o riso é uma forma complexa de expressão humana que reflete e influencia as normas culturais e sociais de cada época. O riso pode ser tanto um instrumento de integração social quanto de subversão e crítica, destacando sua importância na compreensão da história humana (Minois, 2003).

2.1 Características do Humor de Léo Lins

Leonardo de Lima Borges Lins⁵ é o nome de nascimento do humorista que é mais conhecido como Léo Lins. Além de sua profissão primeira de humorista, Léo Lins é também escritor, roteirista e ator brasileiro. Nascido no estado do Rio de Janeiro em 3 de setembro de 1982, Léo Lins possui ascendência portuguesa e alemã. O início de sua carreira se deu no *stand-up comedy*, quando em 2005 participou de shows de mágica e tendo sido responsável por criar o espetáculo *Pão e Circo*. Após esse momento inicial, passou a integrar um grupo nomeado *Comédia em Pé*, o primeiro grupo de *stand-up* do Brasil. Léo Lins se tornou amplamente conhecido no país por suas piadas tidas como ácidas e pela sua participação no programa *The Noite com Danilo Gentili* no SBT, onde atuou até julho de 2022.

Léo Lins se tornou um importante representante do *stand-up*, com diversos livros publicados e mais de mil apresentações de em diversos países. Em sua biografia, se destaca um fato ocorrido em sua primeira apresentação no Japão. Sob diversos protesto, teve sua apresentação cancelada, em virtude de ter feito piada sobre as vítimas do tsunami que havia assolado o país. Contudo, sob protesto ainda maiores, teve sua apresentação remarçada.

O humorista despontou na carreira solo em 2009, com o show *Surreal*. Porém, foi entrada para o *talk show Agora é Tarde*, da Band, que deu a ele maior visibilidade e aumentou a demanda por seus shows. A projeção alcançada evocou mudanças em seu espetáculo, desde as piadas até a identidade visual. Em 2012, ele lançou o espetáculo *Piadas Secretas*. Na televisão, Léo Lins começou como redator do programa *Legendários* (2010), apresentado por Marcos Mion. Sua estreia em rede nacional ocorreu em 29 de junho de 2008, na primeira edição do quadro *Quem Chega Lá do Domingo do Faustão*, onde foi finalista.

O ano de 2011 marca a assinatura de contrato com a Rede Bandeirantes. No final de 2013, após Danilo Gentili se transferir para o SBT, seguiu o apresentador na nova emissora, tendo participado do programa *The Noite* até julho de 2022.

⁵ Informações obtidas a partir da enciclopédia online *wikipedia*.

As diversas polêmicas nas quais Léo Lins se envolveu ao longo de sua carreira o levaram em alguns momentos aos tribunais, tendo sofrido variados processos na esfera legal. Em 4 de julho de 2022, Léo Lins foi demitido do SBT após a viralização de um vídeo de uma piada envolvendo o *Teleton* e uma criança com hidrocefalia, que gerou ampla crítica nas redes sociais e uma nota de repúdio da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD). Em maio de 2023, seu *stand-up Perturbador* foi retirado do ar pelo YouTube a pedido do Ministério Público de São Paulo, e ele foi judicialmente impedido de sair da cidade de São Paulo por mais de dez dias.

2.2 Características do Humor de Mhel Marrer⁶

Formada em Letras pela Universidade de São Paulo Mhel Marrer é uma humorista, roteirista e atriz brasileira. Ela iniciou sua carreira no *stand-up comedy* em 2009, após vencer o concurso de *Melhor Stand Up Comedian Amador* promovido por Rafinha Bastos no YouTube. Desde então, Mhel se consolidou como uma das poucas mulheres no cenário do *stand-up* nacional, destacando-se por seu estilo e suas abordagens humorísticas focadas no universo feminino e nas experiências pessoais.

No teatro, Mhel Marrer integrou o elenco do grupo *Seleção do Humor Stand Up*, que teve uma longa temporada no Teatro Folha, em São Paulo, e no Teatro Amil, em Campinas. Ela também se apresentou em diversos festivais de humor, como Risadaria, Risorama e Virada Cultural, e em bares de comédia renomados em São Paulo, como o *Comedians Club* e o *Hillarius Comedy Bar*. Em 2018, iniciou uma turnê com seu show solo *Meus Homens*, que passou por várias cidades do Brasil.

Na televisão, Mhel teve várias participações e contribuições. Ela foi redatora na Rede Record de Televisão para o programa *Legendários* e apresentou o programa *Piادaria Mix* na Mix TV, ao lado de Eduardo Jericó. Mhel também atuou como repórter de bastidores no quadro *Mulheres que Brilham* do programa *Raul Gil* e foi roteirista dos programas *A Grande Farsa* e *Programa do Porchat*. Seus trabalhos no *Comedy*

⁶ Informações obtidas a partir da enciclopédia online wikipedia.

Central incluem atuações nos programas *Comedy Central Apresenta* (2011, 2016 e 2017) e *Stand Up no Comedy* (2016 e 2017).

Em 2017, Mhel lançou seu especial *Meus Homens* no YouTube e, em 2019, foi destaque na série *Comediantes do Mundo* na Netflix com seu especial *Criando Filhos e Paranóias*. Ela também criou e roteirizou a série de comédia "Empurrando com a Barriga", que narra sua segunda gravidez e será exibida pelo canal Cine Brasil TV. Em 2020, participou do programa *Comediantes em Casa* no *Comedy Central Brasil*. Em 2021, Mhel integrou o elenco do programa *A Praça é Nossa* no SBT.

O humor de Mhel Marrer é notoriamente centrado em temas relacionados ao universo feminino e à sua própria vida pessoal. Suas apresentações e roteiros frequentemente abordam questões de gênero, maternidade e experiências cotidianas com uma perspectiva humorística. Através de suas piadas e histórias, Mhel oferece uma visão íntima e muitas vezes irônica das realidades que as mulheres enfrentam, destacando as nuances e complexidades da vida feminina.

Mhel é conhecida por sua habilidade em transformar situações cotidianas em material humorístico, explorando aspectos da vida que muitas vezes são negligenciados ou considerados tabu. Sua abordagem é marcada pela sinceridade e pela capacidade de se conectar com o público através de experiências compartilhadas, o que lhe confere um estilo de comédia que é tanto pessoal quanto universal.

Assim como ocorreu com Léo Lins, Mhel Marrer enfrentou uma controvérsia significativa após fazer piadas que feriram o politicamente correto. Em 2021, foi amplamente criticada por fazer piada sobre a cidade de Praia Grande, no litoral de São Paulo. Ela recebeu críticas intensas e ameaças de morte após afirmar que a cidade era "suja" e que seus habitantes eram "feios". As declarações geraram uma reação negativa significativa nas redes sociais e uma nota de repúdio da prefeitura da cidade, que defendeu a imagem positiva de Praia Grande e seu desenvolvimento.

Como se nota, ambos os humoristas ganharam destaque ao problematizarem questões polêmicas, o que evocou questionamentos acerca do humor e de seus limites. Reações ambivalentes direcionam a reflexão para que se pense que as linhas que demarcam o que é humorístico e o que é tomado como ofensa nem sempre é

muito bem apartado. Nesse sentido, o capítulo seguinte evidencia a análise de duas piadas, uma de Léo Lins e uma de Mhel Marrer, no intento de problematizar os aspectos discursivos.

3 A POLÊMICA COMO ELEMENTO DISCURSIVO CENTRAL: UMA ANÁLISE DO DISCURSO POLÊMICO EM LÉO LINS E MHEL MARRER

A polêmica, enquanto fenômeno discursivo, tem sido objeto de estudo de diversas áreas, como a linguística, a sociologia e a comunicação. Ela se configura como um elemento central na construção de sentidos e na produção de conhecimento, funcionando como um motor para o debate e a reflexão. Um aspecto fundamental que confere força à polêmica é o fato de ela romper com o discurso hegemônico, propiciando o embate de visões destoantes de um padrão.

Conforme Pêcheux (1997), o discurso se apresenta como um espaço onde diferentes visões e formações discursivas podem ser confrontadas, sendo, portanto, lugar de luta e tensão. De tal forma, o discurso se mostra permeado por práticas sociais e ideológicas, visto que "o sujeito do discurso é constituído na relação com a ideologia que permeia as práticas sociais e discursivas" (Pêcheux, 1983, p. 32). Negar o peso ideológico que atravessa o discurso é isolá-lo como se representasse uma instância abstrata apartada da realidade.

É oportuno acrescentar ainda que o discurso não é apenas o que se diz, mas estabelece relação com o não dito, com o que se oculta. Por essa razão, discutir o discurso não se circunscreve a observar o que foi enunciado, mas vai além, recuperando as condições em que dado discurso foi produzido, em sua relação com um sujeito que enuncia e um sujeito que recebe. Nesses termos, considerar o discurso significa considerar seus modos de significar e a reflexão sobre como se constrói seus significados. "A interpretação é um processo histórico-social em que o sentido é sempre o efeito de posições de sujeito" (Orlandi, 2001, p. 28).

Recuperando Bakhtin (1999, p. 23) afirma-se que "o riso tem um caráter subversivo que pode desestabilizar normas sociais e hierarquias". Por conseguinte, por vezes, o riso e a polêmica estarão atrelados, o que faz com que a linha limítrofe entre eles nem sempre seja clara. Por essa razão, há situações nas quais posturas opostas se confrontam. Há quem afirme que o humor permite entrar em cearas espinhosas, enquanto outros defendem a existência de pautas que não devem ser tematizadas no discurso humorístico, aspecto que será discutido no tópico a seguir.

3.1 A Linguagem Humorística Polêmica e Seus Efeitos no Público: Aspectos do riso e do escárnio

Uma vez que o discurso é sempre atravessado por ideologias (Orlandi, 2007), o discurso polêmico tem como ingrediente as posições enunciativas assumidas, onde o locutor assume um papel de provocador (Maingueneau, 1997). Para Maingueneau (2006, p. 53) “o discurso humorístico frequentemente se alimenta de um interdiscurso que coloca em cena vozes múltiplas e contraditórias”. Em certa medida, a contradição evoca dos sujeitos a adoção de uma postura x ou y, revelando alguma filiação ideológica mais alinhada a um dos grupos em oposição. Discursivamente, as posições se manifestam por meio das relações manifestas ou pelas oclusas. Isto é, ao não se manifestar contra dada posição, o sujeito pode estar dando uma indicação de estar filiado a ela.

Por essa razão, pensar o discurso apartado da realidade social não se mostra adequado. “O discurso é o lugar onde se manifestam as contradições sociais, políticas e culturais” (Orlandi, 2007, p. 79). Nos termos de Pêcheux, o discurso é “uma arena de luta ideológica” (Pêcheux, 1983, p. 49). Ainda para o referido autor, “as formações discursivas são constituídas na relação entre saberes e poderes, produzindo sentidos que legitimam certas práticas sociais” (Pêcheux, 1988, p. 75).

Embora fuja ao escopo desse trabalho, é importante dizer que no período no qual Léo Lins e Mhel Marrer se envolveram nas polêmicas já mencionadas, houve pessoas que assumiram uma posição ideológica de concordância com os humoristas, ao afirmarem que as críticas ao teor dos discursos veiculados representavam uma espécie de censura. Por outro lado, houve outros que afirmaram que nem tudo pode ser pauta de piadas, que há assuntos sensíveis que não podem ser tratados de maneira jocosa⁷.

A discussão entre o que é engraçado ou ofensivo sempre esteve presente na sociedade (Minois, 2003). Todavia, o ataque ao Charlie Hebdo, jornal satírico francês, trouxe com maior força a pauta. Em 7 de janeiro de 2015, em Paris, grupos islâmicos

⁷ Para se ter ciência disso, basta abrir a aba de comentários nos vídeos dos humoristas em que as piadas citadas aparecem.

promoveram um ataque que resultou em doze pessoas mortas e cinco feridas gravemente. A atitude teria sido motivada por uma sátira sobre a religião islâmica. Embora se tenha condenado o uso da violência e do terrorismo, discussões acerca dos limites do humor foram acionadas na época. A controvérsia fez com que fossem tematizadas questões relativas ao valor de humor e ao seu peso subjetivo e cultural.

Possenti (2010) apresenta uma possibilidade de leitura do registro polêmico a partir de dois semas: “liberdade”, aspecto fundamental, e “limites”, seu contraponto. Segundo o autor, o contraponto se mostra fundamental para a discussão, uma vez que os que defendem a ideia de “liberdade” (de expressão) tendem a assumir a posição dos opositores como uma forma de censura. Por sua vez, os que se filiam à noção dos “limites” (do humor) interpretam os argumentos do outro como um abuso/desrespeito.

Se por um lado o humor vale para romper as relações hegemônicas da sociedade, é também verdade que “é uma forma de discurso que pode revelar preconceitos e estereótipos arraigados na sociedade, funcionando como um mecanismo de reprodução e contestação desses mesmos preconceitos” (Possenti, 2010, p. 23). O mecanismo do humor é relevante de ser analisado por, em certa medida, possibilitar um salvo conduto para se dizer coisas que em outras situações não poderiam ser ditas.

Pensar sobre o humor é também pensar sobre a maneira como a sociedade se organiza. Por exemplo, discursos satíricos sobre pessoas negras, homossexuais ou com alguma deficiência eram legitimados e tidos como normais. Todavia, na sociedade atual, não mais são validados, mesmo que ainda ocorram. Assim, mesmo que tais discursos se mostrem presentes, o juízo sobre eles atua no sentido de provocar sua supressão. Acrescenta-se a isso o fato de piadas que em outras épocas provocavam efusivos risos, na atualidade, ocasionarem posturas de ojeriza.

Conforme Possenti (2010, p. 45), “os limites do humor são estabelecidos pelas normas sociais vigentes, mas também são constantemente renegociados através da prática discursiva”. Quando pensado como realidade estrutural linguística, observar-se-á os mecanismos linguísticos que promovem sua construção. Quando pensado

discursivamente, observar-se-á seus mecanismos de significação, seu modo de dizer o que diz.

Há no discurso humorístico uma relação também de poder, a qual diz sobre as forças da sociedade. A relação de forças se manifesta ao ser possível enunciar discursos sobre determinados assuntos e sobre outros não. Isto é, o humor apresenta a relação hierárquica da sociedade, em sua possibilidade de legitimar ou suprimir falas. Conforme Souza (2017), o discurso do humor é sempre avaliado por outros discursos, sejam de ordem moral ou jurídica. Por consequência, a pauta do humor será atravessada pela concepção do politicamente correto, daquilo que é permitido dizer. Ainda segundo o autor, o discurso humorístico possui duas regularidades: a leitura do Outro a partir de si e o ato de definir e/ou limitar o que (não) é humor.

3.2 Discurso Polêmico de Mhel Marrer

Seguindo as orientações metodológicas de Eni Orlandi (2007), a análise procederá seguindo o duplo movimento de descrição e análise. Assim, abaixo, encontra-se transcrito o trecho da piada⁸. Entre parênteses, está registrada a marcação em segundo dos trechos.

- (0:00) E eu achei que o desgraçado ia me levar pra praia. (0:05) A gente foi pra Praia Grande. (0:08) Praia Grande é uma praia do mesmo jeito que Rio Tietê é um rio. (0:13) Já foi no passado, agora é só pra fazer necessidade lá mesmo, né? (0:18) É porque a Praia Grande é assim, é muito bonita, é muito lotado de gente. (0:22) É muita gente na Praia Grande.
- (0:24) O Márcio tá sempre lá.
- (0:24) Meu, sempre? (0:27) O Márcio tá sempre lá?
- (0:28) Tá.
- (0:28) Ai, combina com o povo que tá lá. (0:33) E eu fui lá, porque a Praia Grande é lotada de gente.
- (0:36) Sempre um monte de gente entrando e saindo. (0:38) Acho que se a Praia Prande fosse uma mulher, ela seria Bruna Surfistinha, né? (0:42)

⁸ O vídeo se encontra disponível por meio do link:
<https://www.facebook.com/share/v/RUDKbr9VHDEnEiJu/>

Sempre cabe mais uma Praia Grande. (0:45) Aquele mar que não tem onda, porque é muito lixo, não tem corpo pra subir. (0:51) O povo lá é que, às vezes, assim, a gente vai pra praia e a gente não sabe se tá em forma. (0:55) Fica com vergonha, né, de botar um biquíni. (0:57) Isso é o bom da Praia Grande, porque lá é todo mundo feio. (1:02) Todo mundo feio. (1:03) Parece a turma do Chaves indo pra Acapuco. (1:08) Tem o seu Barriga, tem o seu Madruga, tá todo mundo lá. (1:12) E eu lá tava querendo pegar um sol, não peguei sol. (1:16) Não tinha sol, choveu. (1:17) Queria pegar uma onda, não peguei uma onda. (1:20) Tudo que eu peguei foi micose. (1:23) E lá o povo é assim, ninguém tem corpo de atleta lá. (1:26) O máximo de atleta que a gente tem é o pé, que é o pé de atleta, né? (1:31) Daí você pega lá, fica cheia das perebas, horrível. (1:35) Não peguei nem um boy que eu tinha arrumado lá, que me levou, porque ele me trocou por outra.

A piada em questão foi veiculada no programa *A praça é nossa*, veiculado na emissora SBT. Após o episódio, Mhel Marrer foi ameaçada de morte por moradores de Praia Grande e o programa publicou uma nota pedindo desculpas ao público pela piada. Todo o contexto fez com que alguns telespectadores discutissem acerca do que é permitido ou não nos discursos de piadas (como se poderá observar na parte dos comentários do vídeo).

No que tange ao aspecto discursivo, a fala de Mhel Marrer reforça um estereótipo associado à Praia Grande, no sentido de naturalizar preconceitos, para criar cumplicidade com o público ou para desviar a atenção de questões mais sérias. Praia Grande é uma cidade localizada no litoral do estado de São Paulo, na região metropolitana da Baixada Santista. Na ocasião em que a piada foi veiculada, é oportuno destacar, a prefeitura produziu um comunicado destacando os avanços ocorridos na cidade nos últimos anos. Ou seja, o discurso de Mhel Marrer foi deslocado da dimensão humorística e tomado como plataforma contra governo.

O que se constata é que o modo de um discurso significar é constituído com base na posição sujeito assumido por quem enuncia e por quem recebe (Orlandi, 2007). O deslocamento de sentido propiciou, para a prefeitura, a possibilidade de se promover, além de marcar uma filiação discursiva que associava às críticas a cidade como sendo resultado de condutas preconceituosas. Ou seja, ao instaurar o discurso

do nós contra eles, a prefeitura da cidade também opera para ocultar sua responsabilidade nas críticas feitas, mesmo que indiretamente, à gestão da cidade.

Quando o sentido deixa de ser sobre a gestão da cidade e passa a ser sobre as pessoas, porém, ocorre o discurso como prática de poder. Isto é, o discurso sobre a Praia Grande contribui para a construção e manutenção de relações de poder, reforçando hierarquias sociais e estigmas. É permitido criticar a cidade de Praia Grande, por esta ser uma cidade não tão relevante no cenário nacional, de modo que o peso dos argumentos sobre seus moradores não é tão acentuado.

O discurso de Mhel Marrer revela também aspectos intertextuais. A menção à Bruna Surfistinha, à turma do Chaves e a outros elementos culturais são cruciais para a construção de sentidos. Essas referências são utilizadas para construir uma determinada imagem da Praia Grande e de seus frequentadores. A intertextualidade com outros discursos sobre a cidade, o turismo, a classe social, etc., pode revelar como o discurso sobre a Praia Grande se insere em um conjunto mais amplo de representações sociais.

Ao associar Praia Grande à Bruna Surfistinha, há um aspecto de valor moral acionado. Bruna Surfistinha se tornou amplamente conhecida por ser, durante vários anos, garota de programa. Sua notoriedade resultou de ter exposto a realidade das garotas de programa na mídia. Em 2011, Bruna Surfistinha participou do reality show *A Fazenda*, da RecordTV. Do mesmo modo, recupera-se a memória do seriado *Chaves*, em um episódio no qual os personagens conhecem a praia. O estranhamento existente na cena do seriado vale para destacar a sensação de inadequação.

Assim, afetos e emoções são mobilizados no discurso e contribuem para a construção de identidades e para a exclusão de determinados grupos. A análise dos trechos "E eu achei que o desgraçado ia me levar pra praia. (0:05) A gente foi pra praia grande. (0:08) Praia grande é uma praia do mesmo jeito que Rio Tietê é um rio" reflete uma ideologia que deprecia certos locais urbanos, comparando-os desfavoravelmente a locais poluídos e degradados, como o Rio Tietê, revelando um olhar preconceituoso e estigmatizante.

O trecho subsequente, "Já foi no passado, agora é só pra fazer necessidade lá mesmo, né? (0:18) É porque a praia grande é assim, é muito bonita, é muito lotado de

gente. (0:22) É muita gente na praia grande" continua a descrever a Praia Grande de maneira negativa, destacando a superlotação como sinônimo de perda de qualidade. Ao introduzir o texto com a expressão "já foi no passado", revela-se uma visão nostálgica e crítica, onde o passado é idealizado e o presente é visto como deteriorado e superlotado, reforçando a ideia de decadência urbana.

No trecho "o Márcio tá sempre lá. (0:24) Meu, sempre? (0:27) O Márcio tá sempre lá? (0:28) Tá. (0:28) Ai, combina com o povo que tá lá", a introdução de uma personagem associada ao local, de maneira jocosa usa a figura do personagem Márcio para representar uma continuidade ou uma identificação negativa com o local e seus frequentadores, perpetuando estereótipos. Reforça-se a percepção ao dizer: "e eu fui lá, porque a Praia Grande é lotada de gente. (0:36) Sempre um monte de gente entrando e saindo. (0:38) Acho que se a praia grande fosse uma mulher, ela seria Bruna Surfistinha, né? (0:42) Sempre cabe mais uma praia grande". O humor é utilizado para descrever a superlotação através de uma analogia sexualizada. A analogia à Bruna Surfistinha, uma figura mediática associada à prostituição, reforça uma ideologia que desvaloriza e estigmatiza a Praia Grande através de uma metáfora pejorativa e sexualizada.

"Aquele mar que não tem onda, porque é muito lixo, não tem corpo pra subir. (0:51) O povo lá é que, às vezes, assim, a gente vai pra praia e a gente não sabe se tá em forma. (0:55) Fica com vergonha, né, de botar um biquíni. (0:57) Isso é o bom da praia grande, porque lá é todo mundo feio". Usa-se a poluição do mar como metáfora para a feiura dos frequentadores. A poluição ambiental é usada para tipificar o juízo quanto sobre a aparência física dos frequentadores, revelando uma ideologia de desprezo e depreciação das classes populares e dos espaços frequentados por elas.

"Todo mundo feio. (1:03) Parece a turma do Chaves indo pra Acapulco. (1:08) Tem o seu Barriga, tem o seu Madruga, tá todo mundo lá". Ao comparar os frequentadores da praia a personagens caricatos e estereotipados da série *Chaves*, utiliza o humor para reforçar uma visão pejorativa e desumanizante dos frequentadores, evocando estereótipos de classe e aparência física.

"E eu lá tava querendo pegar um sol, não peguei sol. (1:16) Não tinha sol, choveu. (1:17) Queria pegar uma onda, não peguei uma onda. (1:20) Tudo que eu peguei foi micose". Reforça a experiência negativa com a frustração de expectativas. Aponta para uma visão de fracasso e inutilidade do local, sugerindo um ambiente de degradação física e moral.

"E lá o povo é assim, ninguém tem corpo de atleta lá. (1:26) O máximo de atleta que a gente tem é o pé, que é o pé de atleta, né? (1:31) Daí você pega lá, fica cheia das perebas, horrível". Continua a depreciar a aparência e a saúde dos frequentadores, utilizando humor para ridicularizar. Sustenta-se uma ideologia que valoriza corpos atléticos e em forma, marginalizando aqueles que não se encaixam nesse padrão estético.

"Não peguei nem um boy que eu tinha arrumado lá, que me levou, porque ele me trocou por outra". Finaliza com uma experiência pessoal de rejeição, reforçando a narrativa negativa. Reforça a ideia de que até nas interações pessoais e afetivas, o espaço e seus frequentadores são vistos de maneira depreciativa. Maingueneau (1997) sugere que o discurso polêmico envolve um jogo de posições enunciativas onde o locutor assume um papel de provocador. Marrer, ao escarnecer Praia Grande e Bruna Surfistinha, assume uma posição que desafia e, ao mesmo tempo, reforça discursos sociais normativos sobre valor e moralidade.

É válido dizer que o discurso de Mhel Marrer apresenta uma estrutura padrão, assinalada pela presença de uma afirmação comparativa e uma referência intertextual. De modo a sintetizar as principais discussões, tem-se a tabela abaixo:

Trecho	Formação Discursiva	Ideologia	Função do Humor	Referências Culturais	Efeitos de Sentido
"Praia grande é uma praia do mesmo jeito que Rio Tietê é um rio."	Discurso da comparação e da depreciação	Ambientalismo superficial, elitismo	Ironia, sarcasmo	Rio Tietê (símbolo de poluição)	Cria uma imagem negativa da Praia Grande, associando-a à degradação

					ambiental e à pobreza.
"Acho que se a praia grande fosse uma mulher, ela seria Bruna Surfistinha"	Discurso da sexualização e da mercantilização	Machismo, misoginia	Comparação jocosa, estereótipos	Bruna Surfistinha (símbolo da prostituição)	Desvaloriza a Praia Grande, associando-a à promiscuidade e à vulgaridade.

Fonte: Dados da autora (2024)

Como se verificou, a linguagem pode ser utilizada como um instrumento de poder para controlar e manipular a realidade. Ao construir uma narrativa negativa sobre a Praia Grande, o discurso contribui para a marginalização da cidade e de seus habitantes, reforçando as desigualdades sociais e as visões sobre a realidade da cidade. Ao se opor à Praia Grande, o sujeito que enuncia cria uma identidade por oposição, posicionando-se como superior e alheio a esse lugar.

Os trechos analisados revelam um discurso permeado por uma visão preconceituosa e depreciativa da Praia Grande e de seus frequentadores. Utilizando humor, o discurso não apenas expressa frustrações pessoais, mas também perpetua estereótipos de classe, aparência física e saúde. A ideologia subjacente é uma que desvaloriza espaços populares e marginaliza indivíduos que não se enquadram em padrões estéticos ou socioeconômicos elevados, refletindo e reforçando desigualdades e preconceitos sociais.

3.3 Discurso Polêmico de Léo Lins

De modo a possibilitar a análise, abaixo estão descritas as sátiras feitas por Léo Lins acerca de pessoas com hidrocefalia. A numeração entre parênteses se refere ao momento em que as falas são proferidas⁹.

(0:00) Eu acho muito legal o Teleton, porque eles ajudam crianças com vários tipos de problemas. (0:05) Eu vi o vídeo de um garoto no interior do Ceará, com hidrocefalia. (0:08) O lado bom é que o único lugar na cidade onde tem água é a cabeça dele. (0:16) A família nem mandou tirar, instalou um poço. (0:20) Agora o pai puxa a água do filho, estão todos felizes e tomando banho.

É importante destacar o efeito suscitado ao nomear algo como piada. Discursos que seriam de outra forma rejeitados passam a ser aceitos pelo fato de se apresentarem como humorísticos. Nesse sentido, Possenti (2010, p. 62) destaca que “o humor pode funcionar como uma forma de resistência, ao mesmo tempo em que pode ser um instrumento de opressão”. Validar determinados discursos por se apresentarem como humorísticos representa assumir uma filiação discursiva relacionada à opressão e ao preconceito.

A análise do discurso de Léo Lins, é construída em um movimento de aparente valorização e caridade, como se observa no trecho “eu acho muito legal o Teleton, porque eles ajudam crianças com vários tipos de problemas.” (0:00). Tal fala se relaciona a um ideal de apoio, simulando uma ideologia relacionada ao acolhimento. Todavia, a sequência do discurso revela uma formação discursiva que desumaniza e marginaliza o sujeito.

O trecho “Eu vi o vídeo de um garoto no interior do Ceará, com hidrocefalia. (0:08) O lado bom é que o único lugar na cidade onde tem água é a cabeça dele” revela uma perspectiva capacitista, reforçada no trecho seguinte: “A família nem mandou tirar, instalou um poço. (0:20) Agora o pai puxa a água do filho, estão todos felizes e tomando banho”. A posição sujeito assumida por Léo Lins evidencia uma

⁹ O vídeo se encontra disponível por meio do link: <https://youtube.com/shorts/nOAv0lrsm-s?si=EODX7kcr8SpP7sO6>

ideologia que trivializa a condição humana, utilizando a deficiência como objeto de piada, reforçando preconceitos e estigmatização.

Pêcheux (1988, p. 75) afirma que “as formações discursivas são constituídas na relação entre saberes e poderes, produzindo sentidos que legitimam certas práticas sociais”. Nesse sentido, a banalização da hidrocefalia em uma manifestação jocosa acentua a discriminação e exclusão. Cabe ressaltar que os limites do humor são, em grande parte, definidos pela recepção do público. O que é considerado engraçado por um grupo pode ser visto como ofensivo por outro. Possenti (2010, p. 75) observa que “o riso pode ser um indicador das fronteiras sociais e culturais, revelando onde estas fronteiras se encontram e como são negociadas no cotidiano”. Quando piadas ultrapassam esses limites, a reação do público pode variar de risos e aplausos a indignação e censura.

Após a divulgação do discurso acima, Léo Lins foi duramente criticado pela mídia e por usuários das mídias sociais. O vínculo que até então possuía com o SBT foi desfeito tão logo se tornou público o conteúdo da piada. Contudo, tempos depois, em outra exibição, o humorista enunciou:

(0:00) De verdade, eu não me considero desempregado porque minha carreira como comediante nunca parou. (0:04) Eu sempre estive fazendo shows e agora estou aproveitando, tocando outros projetos paralelos. (0:09) Aliás, um deles, quando terminar o show, se alguém estiver indo lá para o lado da Zona Leste, (0:13) eu estou trabalhando de Uber, então... (0:16) Eu fiquei pensando, já pensou se eu viro Uber e meu primeiro passageiro é uma pessoa com hidrocefalia? (0:23) Pelo menos eu não ia precisar oferecer água.

A memória discursiva desempenha um papel crucial na recepção das piadas de Léo Lins. De acordo com Eni Orlandi (2007), a memória discursiva é o conjunto de discursos anteriores que influenciam a interpretação e a produção de novos discursos. No caso de Léo Lins, a reincidência na temática da deficiência física e a utilização de humor negro ativam memórias discursivas negativas, reforçando a percepção de insensibilidade e desrespeito.

Dois movimentos discursivos são observados na fala de Léo Lins: um primeiro, relacionado a uma postura desumanizada perante o sofrimento, e um segundo,

relacionado a uma postura que banaliza e trivializa questões sérias, como condições médicas. A reação negativa do público às piadas de Léo Lins reflete, se não uma sensibilidade contemporânea a discursos que perpetuam preconceitos e estigmatização, uma tentativa de marcar que tais discursos não mais são aceitos socialmente como no passado.

Cabe ainda dizer que a demissão do comediante pelo SBT, após a primeira piada, indica uma tentativa de distanciamento institucional de discursos considerados inapropriados e ofensivos. Essa reação também ilustra como as instituições podem ser pressionadas pela opinião pública e pelas redes sociais a tomar medidas contra discursos polêmicos.

A análise dos trechos manifesta a presença da mesma posição assumida no discurso anterior. Todavia, nesse segundo caso, a oposição do público se mostra mais forte, visto se tratar de uma reincidência. Nesse sentido, a memória discursiva opera para resgatar o discurso anterior e reforçar a ojeriza a esse tipo de fala. Uma sumarização da discussão pode ser vista na tabela abaixo.

Humorista	Piada	Temática	Mecanismos do Humor	Estratégias de Polêmica	Efeitos de Sentido
Léo Lins	"Eu fiquei pensando, já pensou se eu viro Uber e meu primeiro passageiro é uma pessoa com hidrocefalia? Pelo menos eu	Deficiências físicas	Ironia, sarcasmo	Uso de estereótipos	Desumanização, banalização do sofrimento alheio

	não ia precisar oferecer água."				
--	--	--	--	--	--

Fonte: Dados da autora (2024)

Em suma, o estudo das piadas polêmicas de Léo Lins nos permite compreender que há situações em que o humor ultrapassa o limite do aceitável, bem como a importância de refletir criticamente sobre os limites do discurso humorístico. A análise das reações do público e das consequências sociais dessas piadas reforça a necessidade de uma prática humorística que respeite a dignidade humana e contribua para um ambiente social mais inclusivo e sensível.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, explorou-se os limites do humor por meio da análise das piadas de Léo Lins e Mhel Marrer, dois comediantes que, com estilos distintos, geram discussões profundas sobre a natureza do humor e suas implicações sociais. A pesquisa permitiu mapear a complexidade e a multiplicidade de sentidos que o humor pode gerar, principalmente quando confrontado com questões de moralidade e sensibilidade social. Ao considerar as piadas desses comediantes, pudemos observar como o humor não apenas reflete, mas também influencia o panorama cultural e social em que está inserido.

A análise revelou que o humor é um campo profícuo para debates, pois frequentemente serve como uma plataforma para problematizar temas sensíveis e controversos. Através das piadas de Léo Lins e Mhel Marrer, evidenciamos que o que é considerado aceitável ou ofensivo pode variar substancialmente dependendo do contexto cultural, social e histórico. O estudo evidenciou que os limites do humor não são fixos e estão em constante evolução, refletindo as mudanças nas normas sociais e nas expectativas do público.

Além disso, a pesquisa destacou a relevância das piadas que alcançaram notoriedade nacional, permitindo uma reflexão sobre os limites que separam o que é considerado aceitável ou não no discurso humorístico. Essas piadas não apenas capturam a atenção do público, mas também provocam debates importantes sobre a ética e a responsabilidade no humor. As discussões em torno dessas piadas mostram como o humor pode ser tanto um meio de crítica social quanto um veículo para perpetuar estereótipos e preconceitos.

Concluimos que o estudo do humor revela a necessidade de encontrar um equilíbrio entre a liberdade de expressão e a consideração dos impactos sociais das piadas. O humor deve ser um espaço para questionamento e reflexão, mas deve também estar atento às realidades e preocupações do público. É fundamental reconhecer que o que pode ser engraçado para um grupo pode ser ofensivo para outro, e que as piadas têm o potencial de influenciar a percepção e a sensibilidade do público sobre temas relevantes.

Ademais, é importante notar que este trabalho não esgota as possibilidades de análise do tema. Há muitos outros aspectos que poderiam ser explorados para uma compreensão mais completa do papel do humor na sociedade. Por exemplo, a análise das interações discursivas nos comentários dos vídeos com as piadas poderia fornecer insights adicionais sobre a recepção e a interpretação do humor pelo público. Além disso, futuras pesquisas poderiam investigar como diferentes contextos culturais e sociais influenciam a percepção e a aceitação do humor, bem como explorar a evolução dos limites do humor ao longo do tempo.

Em suma, espera-se que a análise apresentada neste trabalho possa servir de base para futuras investigações sobre o papel do humor na sociedade. O estudo do humor não é apenas uma questão de diversão e entretenimento, mas também uma oportunidade para refletir sobre a comunicação e o discurso público, considerando as complexas interações entre comédia, ética e sociedade. A contínua exploração dessas dinâmicas pode contribuir para um entendimento mais profundo das forças sociais e culturais que moldam nossas percepções e interações.

REFERÊNCIAS

- AURICH, R. A. **História das ideias linguísticas**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o Contexto de François Rabelais**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BRANDÃO, H. F. **Introdução à Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- COURTINE, J.-J. A Estranha Memória da Análise do Discurso. In: COURTINE, J.-J. (Org.) **A Análise do Discurso: História e Perspectivas**. São Paulo: Edusp, 1995. p. 15-39.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Argumentatividade do Discurso**. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora XYZ, 2003.
- MORGADO, Elizabeth. **Análise do discurso: métodos e processos**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- ORLANDI, E. P. **As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e sociedade**. 2ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1983

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **As análises de discurso**. Tradução de Maria Lucia de Oliveira Camargo. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação da linguística. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

POSSENTI, Sírio. Humor e transgressão: o riso como processo social. **Tempo Social**, v. 16, n. 2, p. 189-212, 2004.

POSSENTI, Sírio. **Os Limites do Humor**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, Alan Lobo de. **Limites do humor**: o funcionamento discursivo da polêmica. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.